

## 8. Conclusão



## 8. Conclusão

### 8.1. Principais considerações

### 8.2. Alcances e projeções

*A teoria científica interpreta a evidência. Na base dessa interpretação, reconhece-se que a evidência se refere a algum objeto real. Os fundamentos, assim como as conclusões que são deles inferidas, não podem ser privados. Devem ser públicos e submetidos à crítica da comunidade científica. Nenhuma conclusão, nenhuma teoria científica é infalível, pois elas são sempre interpretações das evidências.*

Santaella (2005a, p.31).

## 8. Conclusão

### 8.1. Principais considerações

Apresentada toda a trajetória da pesquisa, a qual foi desde a problematização do tema, proposição das hipóteses e dos objetivos, passando pela explicitação do percurso metodológico, do referencial teórico e das elaborações conceituais, chegando até a exposição das análises descritivas e interpretativas, de tal modo que pudéssemos elaborar considerações capazes de evidenciar como as cidades brasileiras têm sido representadas no meio digital, resta-nos agora, à guisa de conclusão, revisar as principais questões abordadas.

Inicialmente, voltamos a ressaltar que a nossa pesquisa foi desenvolvida levando-se em conta o estudo da Semiótica nas relações transversais do Design com a Arquitetura e com o Urbanismo. Além dessas disciplinas, contribuições advindas de outros campos, como o da Comunicação, da Informática, da Arte, da Geografia, da Sociologia e da Filosofia, foram fundamentais para a composição do referencial teórico.

Ao percorrermos os caminhos interatuantes das cidades com o design, com as comunicações e com as artes, percebemos que as representações dos espaços em que os seres humanos vivem sempre estiveram relacionadas com as técnicas e tecnologias comunicacionais e artísticas disponíveis em cada era cultural. Então, chegado o fim do século XX, eis que surgem novas tecnologias de informação e comunicação, responsáveis por uma nova revolução, a qual, segundo alguns autores, é comparável à Revolução Industrial. Além de configurar uma nova era cultural denominada cibercultura, essa revolução propôs alterações nos modos de percepção e de representação do espaço e do tempo.

A partir dos anos de 1990, inúmeros computadores se conectaram uns aos outros e, todos juntos, formaram uma rede de dimensões planetárias, conhecida por Internet. Assim, os computadores revelaram-se, também, como instrumentos capazes de contribuir para a transformação do nosso entendimento sobre as

idades, suas imagens e suas representações. Desde então, temos assistido à virtualização das cidades sob diversas roupagens: governamental, lúdica, artística, dentre outras. Essas roupagens são representações das cidades reais no meio digital e têm sido chamadas de cidades digitais.

Todavia, o conceito de cidade digital não está completamente delineado. Da mesma forma que o conceito de cidade é plural, também não há uma única conceituação para a expressão cidade digital. Como vimos, não há sequer uma uniformidade na nomenclatura adotada pelos diversos autores. Essa questão, nos obrigou a recortar um tipo específico de cidade digital para investigarmos. Optamos pelas representações oficiais das cidades no meio digital, as denominadas cidades digitais governamentais.

Com a inserção das novas tecnologias de informação e comunicação em todos os âmbitos das nossas vidas, inclusive na esfera da administração pública, as cidades digitais governamentais se desenvolveram. Diversos pesquisadores passaram a afirmar que tais representações digitais influenciariam diretamente nas nossas questões sociais, econômicas e políticas. No entanto, com base nas análises empreendidas na pesquisa, percebemos que as cidades digitais brasileiras têm privilegiado os aspectos da representação política. O design das cidades digitais está a serviço da concretização de uma política voltada, principalmente, para o marketing urbano e para a autopromoção das prefeituras municipais.

De acordo com o referencial teórico adotado, verificamos que a construção das cidades digitais consiste na pesquisa e no desenvolvimento de interfaces que mediem as relações das cidades e dos governos locais com os cidadãos. É, principalmente, esse caráter mediador das cidades digitais que nos habilita a estudá-las como signos. Portanto, a revisão de alguns conceitos da Semiótica, sobretudo conceitos da Gramática Especulativa, foi fundamental para a nossa investigação.

Considerando a tricotomia dos signos proposta por Peirce e aplicando-a no estudo das cidades digitais, temos como representamen o site oficial de uma determinada cidade; como objetos, as cidades e as administrações governamentais; e como interpretante, a imagem formada na mente do intérprete acerca da referida cidade e da administração.

Com o aporte das teorias e das metodologias semióticas, empreendemos nossa pesquisa sobre a linguagem do design nas cidades digitais e seus respectivos processos de comunicação. Essa abordagem do design como fenômeno de linguagem baseia-se no pressuposto de que não podemos pensar em objetos do design sem uma intenção de comunicação.

Conforme assinalamos, a hipermídia é a linguagem da cidade digital e não poderia deixar de ser, uma vez que ambas são frutos das tecnologias digitais e da cibercultura. O estudo da hipermídia baseado nas matrizes da linguagem e pensamento propostas por Santaella nos levou a compreender que a potencialidade máxima da hipermídia consiste nas infinitas possibilidades de combinação entre as sintaxes sonoras, as formas visuais e os discursos verbais. São essas combinações que devem ser exploradas e reinventadas constantemente pelos designers.

Todo o referencial teórico serviu de base, de modo geral, para a configuração do objeto de estudo e, de modo específico, para as análises dos sites oficiais das capitais do sudeste brasileiro. O percurso para a análise referenciada nas relações internas do signo revelou, de forma sistemática, aspectos que dizem respeito aos fundamentos das cidades digitais, seus objetos e seus interpretantes. Após confrontarmos as análises descritivas individuais e tecermos considerações generalizadas, evidenciamos algumas questões que dizem respeito às dimensões sintática, semântica e pragmática das cidades digitais brasileiras.

Ao final da pesquisa, as hipóteses foram confirmadas. Pudemos constatar que, de fato, as cidades digitais têm sido utilizadas como poderosos instrumentos de marketing urbano e expressam, através do design, um conteúdo que é fortemente jornalístico, o qual está direcionado para a propaganda e para a construção de um imaginário da cidade e do governo local. Além disso, verificamos que o potencial da hipermídia tem sido pouco explorado como linguagem das cidades digitais.

Verificamos que a sintaxe utilizada nos projetos de cidades digitais brasileiras tem sido praticamente a mesma e, inclusive, se aproxima da sintaxe de alguns dos grandes portais da Internet e de alguns sites jornalísticos. A justificativa para essa aproximação, embora não tenha sido comprovada cientificamente, pode estar relacionada com a massiva presença de conteúdo

jornalístico nos portais oficiais das cidades brasileiras e com a predominância da matriz verbal nesses sites.

O conteúdo de cunho fortemente jornalístico e noticioso faz com que os textos sejam empregados predominantemente no sentido denotativo e as imagens sejam referenciais. Tais evidências nos levariam a afirmar que os sites oficiais das cidades brasileiras são extremamente indiciais, no entanto, ao observarmos as representações das cidades no meio digital em seu conjunto, percebemos que se tratam de construções simbólicas, as quais estão repletas de significados, cuja lógica de interpretação se apóia em convenções e arbitrariedades.

O predomínio dos aspectos indiciais e dos aspectos simbólicos sobre os icônicos faz com que o caráter qualitativo da hipermídia seja pouco explorado. Conforme analisamos, a sonoridade, intrinsecamente qualitativa, não se evidencia como um elemento de composição das cidades digitais governamentais. Esse aspecto apontou para o desequilíbrio entre as matrizes sonora, visual e verbal nas representações oficiais das cidades no meio digital.

Finalmente, constatamos que, apesar de serem imensos os esforços para a concretização de uma eficaz urbanização do ciberespaço, o processo de construção digital das cidades não está concluído e apresenta-se como um terreno fértil para a atuação dos designers, os quais deverão estar atentos não somente para as questões da usabilidade e da ergonomia, mas, também, para os aspectos de significação das interfaces.

## **8.2. Alcances e projeções**

Acreditamos que uma das maiores contribuições da pesquisa foi trazer para o campo do Design o estudo sobre as cidades digitais. Conforme apresentado na introdução, os estudos sobre as cidades digitais são recentes e interdisciplinares, no entanto, é justamente na interface do Design com outras ciências ou disciplinas que encontram uma grande parte das suas questões.

Uma outra contribuição diz respeito à abordagem das cidades digitais como representações, signos das cidades reais e mediações entre os indivíduos (cidadãos ou cibercidadãos) e as cidades e/ou o governo local, e, portanto, passíveis de

serem estudadas com o auxílio do ferramental dos campos da Semiótica e da Comunicação. Nesse sentido, foram tecidas considerações que dizem respeito à semiose e à linguagem do design nas cidades digitais, as quais, somadas aos estudos sobre o conteúdo, a usabilidade e a funcionalidade desse tipo de web site, servem de subsídios para a “urbanização digital”.

Além disso, podemos mencionar que a pesquisa explicitou uma metodologia de análise, cuja base teórica encontra-se nas lições peircianas sobre a Semiótica, capaz de auxiliar os designers na (re)construção das cidades digitais, levando-se em consideração as questões da significação. Essa busca por uma explicitação de uma metodologia vai ao encontro da prática dos investigadores que têm reunido esforços para desenvolver estratégias de aplicação dos estudos da Semiótica no campo do Design.

Ainda, através da pesquisa, revisamos algumas questões teóricas relevantes para o estudo dos sistemas de significação do design, evidenciando-o como linguagem que funciona como enunciador no processo de comunicação. Essas questões teóricas também fornecem subsídios para o estudo da Semiótica nas relações transversais do Design (TRÍADES).

Contudo, diante de tais contribuições, devemos assinalar que uma limitação da pesquisa foi a geração de resultados específicos bastante efêmeros, uma vez que a dinâmica de atualização dos sites é muito grande, o que determina alterações diárias no conteúdo. Como bem ponderou Vilella (2003, p.109), com relação à sua própria pesquisa, válida também para a nossa, “pela própria característica do dinamismo que é inerente a essa mídia (Internet) – o resultado dessa pesquisa é uma visão dos portais no exato momento de sua análise”. Sendo assim, o que foi analisado é um retrato dos objetos empíricos investigados, ou seja, dos sites oficiais das capitais do sudeste brasileiro, a partir dos quais pudemos tecer considerações que revelaram como tem se dado a representação das cidades brasileiras no meio digital.

Para dar continuidade à pesquisa empreendida, propomos o estudo de algumas questões que ficaram fora do escopo da investigação ou que carecem de um aprofundamento devido ao fato de terem sido tratadas de forma tangencial.

Conforme mencionado, em nossa pesquisa, focamos na leitura e na análise do design das cidades digitais, enquanto mensagem e portadoras de múltiplos significados revelados através das dimensões semióticas. Como mais um passo adiante, vislumbramos um estudo focado nos usuários (nos receptores), ou seja, nos processos de recepção. Também pode ser investigada a equipe que projeta e mantém as cidades digitais (nos emissores). Considerando o aspecto comunicacional da cidade digital, compreendemos que há necessidade, minimamente, de um emissor e de um receptor. Assim, poderiam ser levantadas questões que vão desde a fase de concepção do design das cidades digitais até a sua semiose propriamente dita, contemplando um estudo que abarca os emissores, as mensagens e os receptores.

Uma outra pesquisa poderia ser levada a cabo a partir da problematização das relações existentes entre imagem, imaginário urbano e cidade digital. A constatação de que as cidades digitais são construções simbólicas e, portanto, participam da formulação do imaginário urbano, abre caminho para novas investigações científicas.

Finalmente, vislumbramos a possibilidade de investigação dos aspectos políticos e ideológicos do design das cidades digitais. Constatado que o design das cidades digitais está a serviço do marketing urbano e da autopromoção do governo local, além da representação da cidade real, sinalizamos a possibilidade de um estudo que contemple a retórica do design nas cidades digitais.